
A importância da função paterna psicanalítica no desenvolvimento infantil

Damaris Garnica Rodrigues Costa¹
Vitor Hugo de Oliveira
Centro Universitário UNIFAFIBE

RESUMO Atualmente, entende-se que a família é de suma importância no desenvolvimento biopsicossocial de uma criança, e através desta que os primeiros contatos da criança são estabelecidos. Ao falar sobre o papel da família e sua dinâmica, deve-se considerar a subjetividade de cada indivíduo que exerce determinado papel, bem como as mudanças que este tem sofrido ao longo do tempo, e como elas têm impacto direto nas relações psicossociais na família. Uma das mudanças é a excessiva importância da função materna vista como fundamental nessa relação, negligenciando ou até deixando a função paterna como secundária. Analisar essa mudança de papéis, de valores, de convívio, bem como a subjetividade dessa função, fornece um olhar crítico e reflexivo sobre a importância do pai na relação com a criança, e como este influencia positivamente ou negativamente a mesma. Para tal, foi realizada uma revisão bibliográfica, a fim de sistematizar os conceitos propostos, levantando hipóteses sobre as mudanças no papel do pai, no que sua ausência impacta no âmbito familiar, e como essa figura se porta diante de um contexto o qual o seu papel é visto por vezes desnecessário.

Palavras-chave: Função paterna, Desenvolvimento infantil, Psicanálise.

The importance of the psychoanalytic paternal function in child development

ABSTRACT: Actually, it is understood that the family is of paramount importance in the biopsychosocial development of a child, and through it our first contacts are established. In talking about the role of the family and its dynamics, we must consider the subjectivity of each individual that plays a certain role, as well as the changes that the family has undergone over time, and how they have a direct impact on the psychosocial relationships in the family. One of the changes is the excessive importance of the maternal function seen as fundamental in this relation, neglecting or even leaving the paternal function as secondary. Analyzing this change of roles, values, and conviviality, as well as the subjectivity of this function, gives us a critical and reflective look at the importance of the father in the relationship with the child, and how it influences positively or negatively the child. For this, a bibliographical review was carried out in order to systematize the proposed concepts, raising hypotheses about the changes in the role of the father, in which his absence impacts on the family, and how this figure bears before a context which his paper is sometimes seen as unnecessary.

Keywords: Paternal function, Childhood development, Psychoanalysis.

¹ Damaris Garnica Rodrigues Costa. End. Eletrônico: damarisrodrigues@gmail.com

Introdução

A família tem um papel fundamental no desenvolvimento de uma criança, e através desta que os nossos primeiros contatos são estabelecidos. Para Pereira-Silva e Dessen (2003), as interações firmadas na família são as mais significativas para o desenvolvimento infantil, embora outras interações influenciem nesse processo.

A Psicologia, com ênfase na abordagem Psicanalítica, estuda essas relações afetivas, deixando evidente que o papel da família no processo de desenvolvimento cognitivo e social é de suma importância através do vínculo formado entre eles. Estudar essas relações interpessoais dentro do contexto familiar auxilia a Psicologia no esclarecimento e na compreensão dos aspectos que regem ou não um núcleo familiar.

Ao falar sobre o papel da família e sua dinâmica, deve-se considerar a subjetividade de cada indivíduo que exerce determinado papel, bem como as mudanças que este tem sofrido ao longo do tempo, como mudanças na disposição da autoridade, o que tem resultado em diversas modificações psicossociais na família. Essas mudanças têm levantado questões sobre a dificuldade dos pais de assumir a responsabilidade paterna, visto que a mãe possui o poder de dar a ele influência sobre os filhos ou não.

Contudo, não há como questionar que ambos os papéis são fundamentais, e que através desses vínculos a estruturação psíquica de uma criança se dará. Entendendo essa importância, o tema parentalidade foi escolhido para a pesquisa, porém muito se dá valor à função materna com a criança, e há muitos materiais científicos específicos sobre o assunto, mas a função do pai é vista como secundária nos estudos científicos, e pouco se fala sobre elas, mesmo que tal seja de suma importância na relação familiar. Diante de tal ponto, o presente trabalho tem o objetivo de compreender a função paterna através de um olhar psicanalítico, bem como a importância dessa no desenvolvimento da criança. Com base nesse objetivo, sobressaem as seguintes questões: Porque devemos considerar o pai como alguém fundamental na relação com a criança? No que a ausência dessa relação traz impacto? Qual a colaboração da Psicologia nas questões existentes nesses impactos?

Ao falar sobre o papel da família e sua dinâmica, deve-se considerar a subjetividade de cada indivíduo que exerce determinado papel, bem como as mudanças que este tem sofrido ao longo do tempo, como mudanças de papéis e na disposição da autoridade, o que tem resultado em diversas modificações psicossociais na família. (Saraiva, Reinhard, & Souza, 2012; Lebrun, 2004; Bauman, 1998; Ehrenberg, 1998; Roudinesco, 2003).

A figura feminina, atualmente, tem passado por influência direta nos novos papéis e nas mudanças culturais e sociais de sua conduta frente à maternidade, casamento e até mesmo em relação à figura masculina. Consequentemente, o papel masculino também tem sido modificado nesses contextos (Araújo, 2005). Dentre tais mudanças, podem-se enfatizar algumas como: Diminuição do número de matrimônios, crescimento do índice de divórcios, uniões matrimoniais tardias, juntamente com um empoderamento feminino diante do mercado de trabalho, e em seu contexto familiar (Villa, 2008). Assim, as distribuições tradicionais de papéis familiares em relação ao sexo, dividindo as funções de “mulher cuidadora” e de “homem provedor” estão em clara falência, surgindo então novas configurações. (Lesthague, 1995 *apud* Villa, 2012).

Essa configuração tradicional de família era fundamentalmente patriarcal, no qual o pai sustenta a autoridade sobre a mãe e os filhos (Perucchi & Beirão, 2007). Algumas décadas atrás, o pai desempenhava a função de introduzir o filho no mundo do trabalho, ensinando-o as suas incumbências através de experiências por ele vivenciadas, por exemplo. Contudo, na atualidade, essa função paterna foi enfraquecida ou quase anulada, que independe da cultura familiar, uma vez que o papel por vezes tem sido invertido, os filhos têm passado seus conhecimentos aos pais (Lebrun, 2004 *apud* Saraiva, Reinhard, & Souza, 2012). Ou seja, era considerada função paterna colocar seu filho dentro de um campo de posse, poder e saber dentro de um meio social. Devido o mesmo não estar exercendo essa função, tem sido levado a uma zona periférica de vínculo com o filho, excluindo-o de suas funções esperadas. (Martorelli, 2001). Assim, com a ausência da passagem de conhecimento paterno, essa figura não tem sido vista como um modelo aos filhos, e seu papel tem se enfraquecido. (Saraiva, Reinhard, & Souza, 2012).

Essa função patriarcal foi modificada por consequência de sua imagem enfraquecida
Psicologia - Saberes & Práticas, n.2, v.1, 46-52, 2018.

juntamente com as mudanças socioculturais vividas ao longo dos anos, e então, foi necessária uma nova organização, deixando de ser primário, para então, secundário, e por vezes desnecessário.

Vitorello (2011) corrobora com esse conceito colocando que a condição paterna no passado estava ligada ao poder masculino de se auto intitular pai, fundamentada nos conceitos de Lacan, contudo através das transformações sociais no contexto familiar, a condição paterna está ligada ao desejo materno e através de laços conjugais, ou seja, o exercício da paternidade depende da via materna, pois sem ela não há esse exercício em seu real significado. Pode-se observar, portanto, que a mãe tem poder nos novos rearranjos familiares.

Para a abordagem psicanalítica, a função paterna não está ligada apenas ao pai biológico, mas sim a função que um terceiro exerce na mediação da mãe em relação à criança, e através da falta materna, o mesmo ocupa o lugar de incompletude deixado na relação (Aozani, 2014).

Muza (1998), afirma que o pai é uma figura indispensável para que a criança elabore o luto da relação estabelecida inicialmente com a mãe, mas também atua como o mediador dessa relação com a mesma, como trazido por Aozani (2014).

Costa (1997) expõe uma posição paterna através de três funções: Dar proteção à mãe no período gestacional e após o nascimento da criança, auxiliar na separação na relação mãe/criança, e promover recursos para que a criança desenvolva a habilidade de diferenciação intergeracionais, tornando-se modelo de identificação para o menino, e de parceiro para a menina.

Fabrino (2012) afirma que a criança que possui uma família que proporciona afetividade nas relações e, segurança no desenvolvimento cognitivo, emocional e físico tenderá a se tornar um adulto seguro e com condições pertinentes para experienciar as vivências do dia a dia. Costa (1997) ainda diz que a mãe é responsável pelo nascimento biológico, porém é a figura paterna que proporciona condições necessárias para o nascimento psicológico.

Benczik (2011) discute que o contato paterno com a criança norteia a organização psíquica corroborando com o desenvolvimento egóico, ou seja, desenvolvimento da organização coerente dos processos mentais como exposto por Freud (1996/1923). Essa organização dos processos mentais é dada pelo contato com pai, o qual traz o princípio de realidade para a criança, que traz

consigo representatividade de ordem na família e a noção de compartilhamento da atenção materna com outros indivíduos (Muzza, 1998).

O Pai psicanalítico é uma representação de princípio de realidade, ou seja, a lei que proporciona um campo favorável para a evolução de racionalização, singularidade, simbolização, processos criativos, e até mesmo a elaboração de uma imagem corporal. (Almeida, s.d.). Através do vínculo com o filho, o pai facilita o desenvolvimento social e cognitivo do mesmo, e o auxilia no processo de inclusão e adaptação com o meio social. (Mahler, 1993). Porém, se esse vínculo está enfraquecido, consequentemente, a capacidade de desenvolvimento da criança e sua interação com o mundo também ficam enfraquecidas.

Para Corneau (1991), a presença do pai é a facilitadora da passagem da criança do contexto familiar para o mundo social, e através desse vínculo estabelecido com a criança, a mesma expressa sua agressividade, receber autoafirmação, exploração do meio e autodefesa, sendo conceitos fundamentais para o convívio em sociedade.

A presença paterna é primordial na vida de um filho, porém a sua ausência pode ser muito danosa para seu desenvolvimento cognitivo. Segundo Benczik (2011), um dos maiores problemas na criação de filhos é ausência de uma figura paterna, seja o pai, tio, avô ou qualquer outra figura masculina que tenha vínculos satisfatórios com os mesmos. A autora ressalta ainda que a falta de um dos modelos na educação familiar, seja masculino ou feminino, consequenciará em desequilíbrio na criação dos filhos.

Ferrari (1999) discute que a criança tem a capacidade de experienciar de maneira mais natural os desenvolvimentos de habilidades de identificação e diferenciação de gêneros. Contudo, com a ausência de um papel, um dos cuidadores será sobrecarregado, ocorrendo um desequilíbrio na criação da criança, e consequentemente a personalidade da mesma é afetada.

De acordo com estudos, há duas variáveis para ausência paterna no desenvolvimento e criação dos filhos, que são: O divórcio, que por vezes proporciona o distanciamento da figura paterna, e a pouca interação entre pai e criança, ainda que ambos vivam no mesmo ambiente. (Cia, D'Affonseca, & Barham, 2004 *apud* Lamb, 1997; Black, Dubowitz, & Starr, 1999; Marshall, English, & Stewart, 2001).

Eizirik e Bergamann (2004 *apud* Benczik, 2011), também reconhecem que a ausência do pai pode acarretar em conflitos no desenvolvimento infantil, seja no âmbito social ou cognitivo, influenciando na evolução de distúrbios comportamentais. Essa ausência não precisa ser necessariamente física, podendo ser também psicológica, sendo um ponto de partida para o desenvolvimento de comportamentos de riscos, por exemplo. (Muza, 1998). Pode-se pensar que apesar das transformações psicossociais que a sociedade sofreu, é imprescindível que o papel de cada membro familiar seja exercido, e que a instituição familiar ainda continua sendo a base de todo desenvolvimento humano.

Métodos

O presente Artigo é fundamentado em uma pesquisa bibliográfica baseada em materiais já elaborados, que basicamente se trata de livros e artigos científicos relacionados ao tema proposto, como descrito por Gil (2002). A pesquisa pode ser classificada como qualitativa, por restringir e categorizar os dados, interpreta-los e produzir um material escrito, bem como exploratória, que busca aperfeiçoar conceitos através dos diversos olhares sobre o tema. O método utilizado foi pesquisar as palavras chaves nas plataformas Google Acadêmico e Scielo, buscando apenas textos na língua portuguesa, com datas mais próximas de 2000. Foram selecionados diversos artigos científicos, restringiu-se apenas ao relacionados com o Tema.

Os artigos foram selecionados primeiramente com base em seus resumos. Aqueles que foram identificados com foco na temática escolhida foram lidos, separando-se os principais tópicos abordados em temas, sendo cada um discutido separadamente. Através dessa leitura temática, pode-se compreender quais são os principais aspectos considerados pelos estudos relativos ao papel da figura paterna no desenvolvimento infantil.

Resultados e Discussão

Com base na leitura dos artigos selecionados, três temas ganham destaque ao se falar sobre o papel da figura paterna. Os dois primeiros tópicos visam remeter à tentativa de compreensão das modificações impostas à estrutura familiar na contemporaneidade, e o como elas

afetam o modelo de paternidade. Em primeiro lugar, destacam-se as mudanças sociais que atravessaram a constituição das famílias. Em segundo lugar, analisa-se como tais modificações interferiram na formação dos papéis parentais. Posteriormente, apresentou-se uma avaliação do papel do pai no desenvolvimento infantil, destacando sua função e sua importância.

Mudanças Socioculturais

As mudanças socioculturais que ocorreram ao longo do tempo influenciaram a composição familiar, modificando as atribuições das funções parentais, marcada por um desequilíbrio dos desempenhos de cada constituinte da instituição em questão. Essas mudanças estão relacionadas a fatores sociais e culturais, como o aumento do índice de divórcios, fator ligado a maior possibilidade do empoderamento e liberdade feminina. A mulher, que atualmente ganhou maior consciência de seus direitos pode, conseqüentemente, rejeitar o poder masculino imposto pela cultura tradicional.

Outro fator está relacionado ao aumento do número de famílias fora do padrão tradicional, a chamada "família patriarcal" (estrutura na qual o pai configura-se como o centro da dinâmica familiar). Surgem, por exemplos, criações de filhos por meio de mães solteiras, avós ou terceiros, famílias homoafetivas, entre outras estruturações nas quais o papel da figura paterna perde sua centralidade.

Um terceiro fator considerável se dá pela crescente necessidade do consumo e precarização do trabalho, fazendo com que os pais passem grande parte do tempo fora do lar, disponibilizando pouco tempo para a criação dos filhos. Há, portanto, um aumento das demandas econômicas e do sustento das novas ofertas contemporâneas, como apresentado por Villa (2008).

Mudanças de Papéis

Com o contexto social sendo alterado, alteraram-se também os papéis sociais na família, que antes eram classificados por mães cuidadoras e pais provedores. O pai tem deixado de ser a figura principal, visto como um modelo moral da família, passando a ser apenas um membro, por vezes, pouco importante em relação ao papel materno, que termina por ocupar grande função, tanto teórica como funcionalmente.

O designo masculino em se autointitular “pai” submeteu-se à crescente descoberta da mulher na elaboração das funções familiares, que até então pertenciam apenas ao homem. Com isso, perdeu-se grande parte do poder simbólico de autoridade dessa figura, que deixou de ter influência direta e relevante no desenvolvimento dos filhos, promovendo uma ausência de reconhecimento da contribuição paterna, como apresentado por Vitorello (2011).

Vínculo Paterno

Por mais que as pesquisas demonstrem uma perda social da relevância do papel paterno, elas ainda salientam que a função do pai é de suma importância para o desenvolvimento de um indivíduo. O pai tem a finalidade de definir aspectos relacionados ao funcionamento psíquico, tal como Freud apresenta, ao colocá-lo como mediador da relação do sujeito com a realidade, iniciada através do período de relação mãe-bebê.

A partir dessa mediação, ocorre o surgimento das capacidades de tomadas de decisões assertivas ou não e das relações embasadas na autoconfiança, proveniente da descoberta dos recursos psíquicos e emocionais que o indivíduo possui. Também se dá espaço para o desenvolvimento de relações sociais eficazes e inclusivas. O pai é aquele que, além de trazer o senso de relação com a realidade, traz o conceito de “limite”, que rege o sujeito em suas concepções de certo e errado, bom ou ruim, podendo, em sua ausência, haver o acarretamento de distúrbios comportamentais (Muza, 1998).

Considerações Finais

Os resultados e discussões foram obtidos através da realização de um levantamento de artigos científicos e da análise de cada um. Através da leitura dos mesmos, percebeu-se que grande é a produção relacionada à função materna, porém, apesar do número de artigos com referência à função paterna ser grande, os mesmos se encontram difusos e não abordam todos os aspectos relacionados ao desenvolvimento infantil como se esperava, tal como as condições físico-motoras, sexuais, identidade/comportamento, desenvolvimento intelectual e habilidades sociais.

Grande parte dos artigos científicos analisados possuem referências de autores e seus

conceitos da Psicanálise, como Freud, Winnicott, Bion, Klein, Lacan, sendo estes autores originadores das bases para discussões familiares. Entretanto, tais artigos não abrangem todos os conceitos relacionados à paternidade e o desenvolvimento infantil, pois focam apenas para alguns aspectos, limitando o alcance da presente pesquisa.

O que se pode perceber, com base nos artigos avaliados, foi que pai auxilia o filho na exploração do mundo e descobrimento de si mesmo e do outro, mas também traz a noção de realidade e imposição de limites, que proporcionam o desenvolvimento egoico da criança. A função paterna é de suma importância, pois proporciona à criança condições para que a mesma se sinta confiante e segura, sem deixar de lado a realidade e os limites impostos a ela.

A revisão bibliográfica proporcionou maior conhecimento da subjetividade de cada função no âmbito familiar, e trouxe uma perspectiva mais próxima da subjetividade de cada integrante da família. O objetivo do trabalho não foi focar as diversas situações que cercam o contexto familiar atual como: relações homossexuais, ausência dos pais, divórcios entre os cuidadores, criação dos filhos através de terceiros. Destaca-se a relevância de novos levantamentos que englobem aspectos mais abrangentes e variados sobre o assunto, não suprimindo as transformações socioculturais que essa função sofreu ao longo do tempo.

A teoria Psicanalítica, foco teórico deste trabalho, proporciona um olhar reflexivo e empático diante das demandas de um indivíduo. É possível constatar a relevância da atuação do psicólogo enquanto contribuinte no auxílio do bom desempenho da função paterna juntamente com o pai, e facilitador nas relações interpessoais entre os integrantes de uma família. Permite ainda que através de uma relação transferencial e o estabelecimento de um bom vínculo, recursos sejam proporcionados à criança para o enfrentamento e aperfeiçoamento de suas faltas, através da inserção de limites, mas também da ampliação de sua exploração do mundo, e de si mesmo.

Referências

- Almeida, C. (s.d.). *Ausência Paterna e o Impacto na Mente Criança*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Aozani, J. P. (2014). O lugar do pai na contemporaneidade. *Trabalho de Conclusão de Curso*, Universidade Regional do Noroeste do

- Estado do Rio Grande do Sul DHE, UNIJUÍ. Recuperado em 27 setembro, 2018, de <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2667/TCC%20PDF.pdf?sequence=1>
- Araujo, S. M. B. (2005). A ausência da função paterna no contexto da violência juvenil. Trabalho apresentado no 1º *Simpósio Internacional do Adolescente*, São Paulo. Recuperado em 27 setembro, 2018, de http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000200006&lng=en&nrm=abn
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Benczik, E. B. P. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Rev. psicopedag.* 28(85), 67-75. Recuperado em 27 setembro, 2018, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n85/07.pdf>
- Black, M. M., Dubowitz, H., & Starr, R.H. (1999). African American fathers in low income, urban families: Development, behavior, and home environment of their three-year-old children. *Child Development*, 70(4), 967-978. Recuperado em 27 setembro, 2018, de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/1467-8624.00070>
- Cia, F., D’Affonseca, S. M., & Barham, E. J. (2004). A relação entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico dos filhos. *Ribeirão Preto, Paidéia*, 14(29), 277-286. Recuperado em 27 setembro, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n29/04.pdf>
- Corneau, G. (1991). *Pai ausente filho carente*. São Paulo: Brasiliense.
- Costa, G. P. (1997). *Conflitos da vida real*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ehrenberg, A. (1998). *La fatigue d'être soi. Dépression et société*. Paris: Éditions Odile Jacob.
- Eizirik, M., Bergmann D. S. (2004). Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 26(3), 330 – 336. Recuperado em 27 setembro, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v26n3/v26n3a10.pdf>
- Fabrino, V. N. (2012). Afetividade e base familiar: norteadores da formação da personalidade. *Trabalho de Conclusão de Curso*, Faculdade Norte Capixaba de São Mateus, São Mateus. Rio de Janeiro, Brasil. Recuperado em 27 setembro, 2018, de <https://pt.scribd.com/document/370807388/Afetividade-e-Base-Familiar-Norteadores-Da-Formacao-Da-Personalidade>
- Ferrari, J. L. (1999). Por que es importante el padre? In: Ferrari, J. L. *Ser padre no terceiro milênio* (pp. 91-117). Mendoza: Ediciones del Canto Rodado.
- Freud, S. (1996). O Ego e o Id. In Freud, S. *O Ego e o Id, uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos* (Obras completas, pp. 15-82). Rio de Janeiro: Imago (Publicado originalmente em 1923).
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Lamb, M. E. (1997). *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons.
- Lebrun, J. P. (2004). *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lesthaegue, R. (1995). The second demographic transition in western countries. In Mason, K. O., Jerson, A.-M. (Eds.). *Gender and family change in industrialized countries*. Oxford: Clarendon Press.
- Mahler, M. S. (1993). *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Marshall, D. B., English, D. J. & Stewart, A. J. (2001). The effect of fathers or father figures on child behavioral problems in families referred to child protective services. *Child Maltreatment*, 6(4), 290-299.
- Martorelli, R. de C. G. (2001). *Ele ainda é o chefe da família? Um estudo sobre as representações da paternidade*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Muza, G. M. Da proteção generosa à vítima do vazio. (1998). In: Silveira P. *Exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas. pp. 115.

Perucchi, J.; Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, 19(2).

Pereira-Silva, N. L.; Dessen, M. A. (2003). Crianças com Síndrome de Down e suas interações familiares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 503-514. Porto Alegre.

Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Saraiva, L. M., Reinhard, M. C., Souza, R de C. (2012). A função paterna e seu papel na dinâmica familiar e no desenvolvimento mental infantil. *Rev. Brasileira Psicoterapia*. 14(3), 52-67.

Villa, S. B. *Morar em Apartamentos: a produção dos espaços privados e semi-privados nos apartamentos ofertados pelo mercado imobiliário no século XXI*. (2008). Universidade de São Paulo/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo.

Villa, S. B. Os formatos familiares contemporâneos: transformações demográficas. (2012). *OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia*, 4(12), 02-26, dez. 2012.

Vitorello, Márcia Aparecida. Família contemporânea e as funções parentais: há nela um ato amor?. (2011). *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 32, pp. 7-24, jun.

Recebido em 28/07/2018
Aprovado em 11/10/2018